

Dossiê Temático

Global, Regional, Local: territórios demarcados pelo mercado das Comunicações

Apresentação

Eula Dantas Taveira Cabral

Eula Dantas Taveira Cabral – Tem Pós-Doutorado em Comunicação pela UERJ. É Doutora e Mestre em Comunicação Social pela UESP. Trabalha na Fundação Casa de Rui Barbosa (MinC) como uma das coordenadoras do Projeto Preservação da Memória das Olimpíadas: processos e ações.

Contato: eulacabral@gmail.com

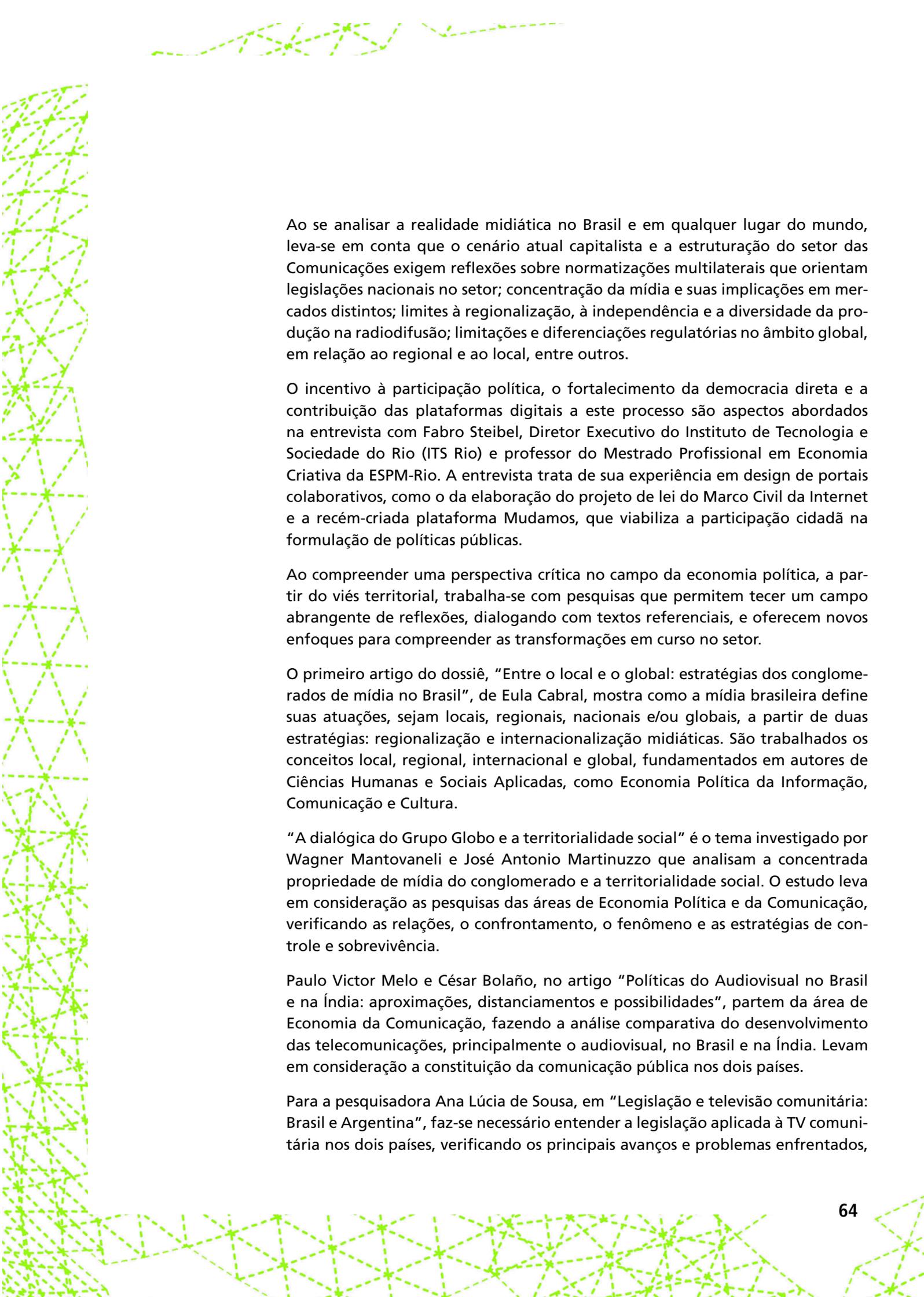
Adilson Vaz Cabral Filho

Professor associado da UFF. Pós-doutor em Comunicação pela Universidade Carlos III de Madrid, Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UESP. Coordenador do EMERGE – Centro de Pesquisas e Produção em Comunicação e Emergência; pesquisador do COMUNI.

Contato: acabral@comunicacao.pro.br

O dossiê “Global, Regional, Local: territórios demarcados pelo mercado das Comunicações” analisa a estruturação das indústrias culturais através das relações estabelecidas em suas dimensões territoriais.

Mostram-se as interações entre os vários níveis e setores, a atuação empresarial em níveis simultâneos, suas implicações na composição dos mercados e incidência em relação ao Estado. Aspectos econômicos, políticos e culturais na problemática territorial são levados em consideração.



Ao se analisar a realidade midiática no Brasil e em qualquer lugar do mundo, leva-se em conta que o cenário atual capitalista e a estruturação do setor das Comunicações exigem reflexões sobre normatizações multilaterais que orientam legislações nacionais no setor; concentração da mídia e suas implicações em mercados distintos; limites à regionalização, à independência e a diversidade da produção na radiodifusão; limitações e diferenciações regulatórias no âmbito global, em relação ao regional e ao local, entre outros.

O incentivo à participação política, o fortalecimento da democracia direta e a contribuição das plataformas digitais a este processo são aspectos abordados na entrevista com Fabro Steibel, Diretor Executivo do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio (ITS Rio) e professor do Mestrado Profissional em Economia Criativa da ESPM-Rio. A entrevista trata de sua experiência em design de portais colaborativos, como o da elaboração do projeto de lei do Marco Civil da Internet e a recém-criada plataforma Mudamos, que viabiliza a participação cidadã na formulação de políticas públicas.

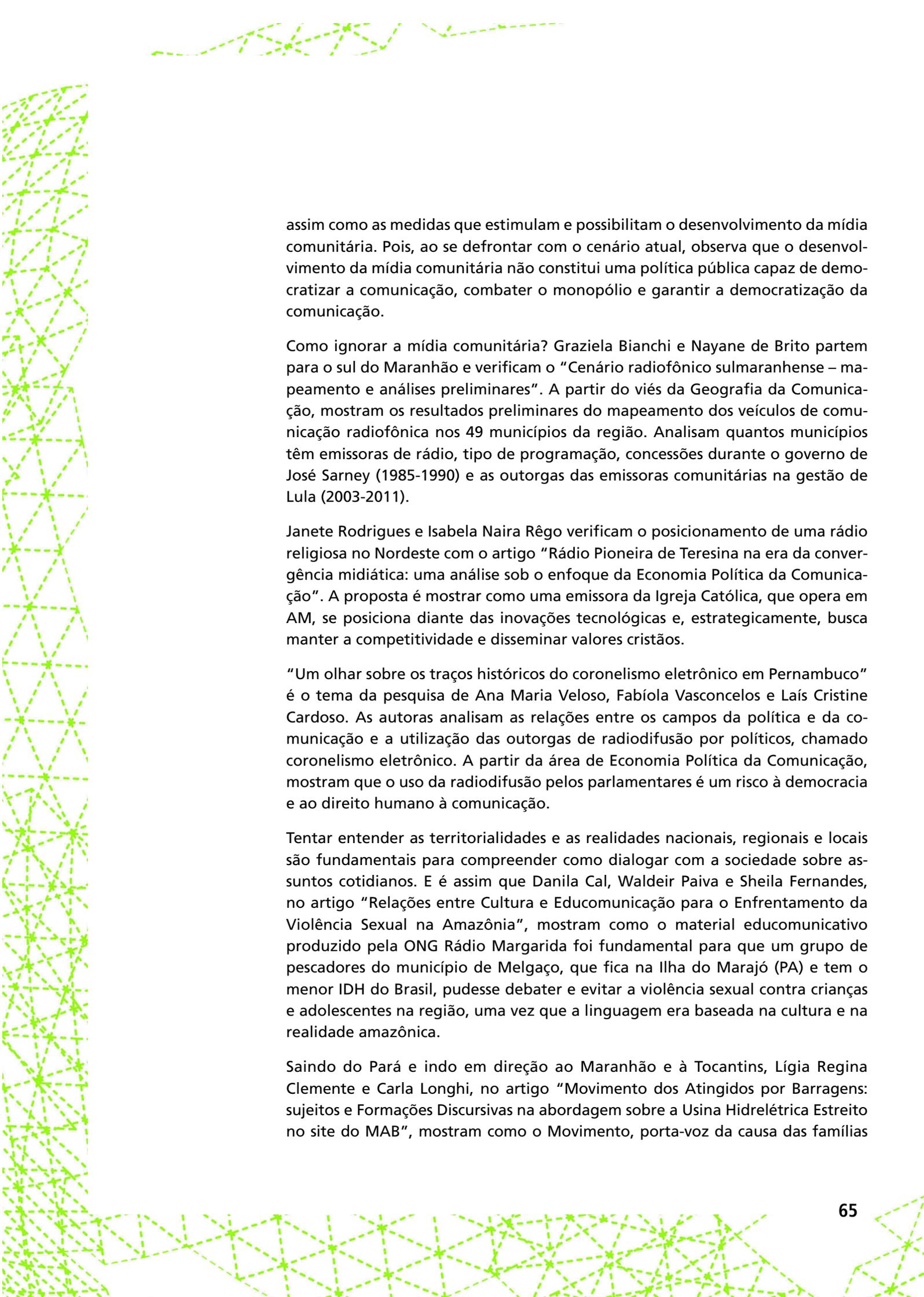
Ao compreender uma perspectiva crítica no campo da economia política, a partir do viés territorial, trabalha-se com pesquisas que permitem tecer um campo abrangente de reflexões, dialogando com textos referenciais, e oferecem novos enfoques para compreender as transformações em curso no setor.

O primeiro artigo do dossiê, “Entre o local e o global: estratégias dos conglomerados de mídia no Brasil”, de Eula Cabral, mostra como a mídia brasileira define suas atuações, sejam locais, regionais, nacionais e/ou globais, a partir de duas estratégias: regionalização e internacionalização midiáticas. São trabalhados os conceitos local, regional, internacional e global, fundamentados em autores de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura.

“A dialógica do Grupo Globo e a territorialidade social” é o tema investigado por Wagner Mantovaneli e José Antonio Martinuzzo que analisam a concentrada propriedade de mídia do conglomerado e a territorialidade social. O estudo leva em consideração as pesquisas das áreas de Economia Política e da Comunicação, verificando as relações, o confronto, o fenômeno e as estratégias de controle e sobrevivência.

Paulo Victor Melo e César Bolaño, no artigo “Políticas do Audiovisual no Brasil e na Índia: aproximações, distanciamentos e possibilidades”, partem da área de Economia da Comunicação, fazendo a análise comparativa do desenvolvimento das telecomunicações, principalmente o audiovisual, no Brasil e na Índia. Levam em consideração a constituição da comunicação pública nos dois países.

Para a pesquisadora Ana Lúcia de Sousa, em “Legislação e televisão comunitária: Brasil e Argentina”, faz-se necessário entender a legislação aplicada à TV comunitária nos dois países, verificando os principais avanços e problemas enfrentados,



assim como as medidas que estimulam e possibilitam o desenvolvimento da mídia comunitária. Pois, ao se defrontar com o cenário atual, observa que o desenvolvimento da mídia comunitária não constitui uma política pública capaz de democratizar a comunicação, combater o monopólio e garantir a democratização da comunicação.

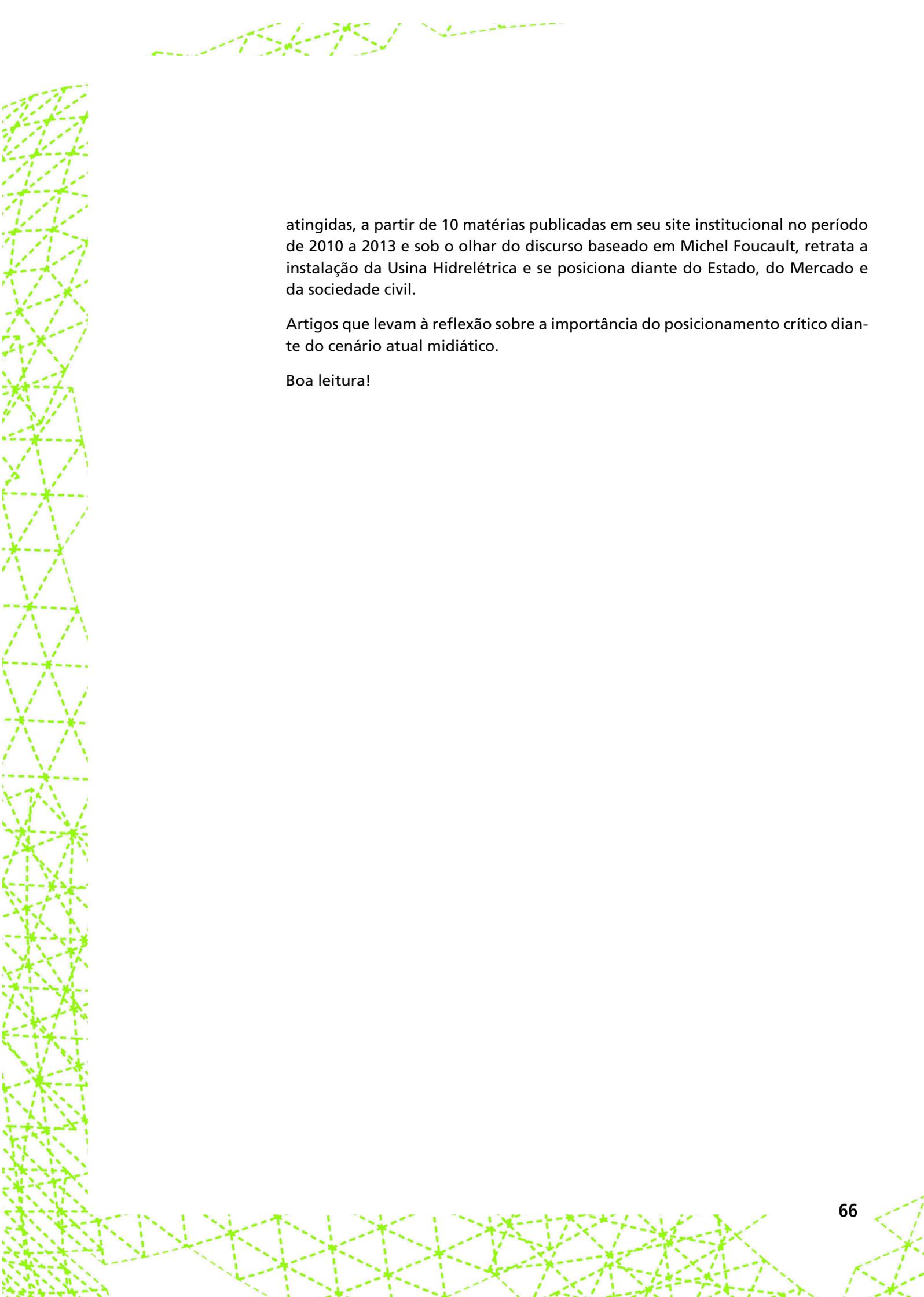
Como ignorar a mídia comunitária? Graziela Bianchi e Nayane de Brito partem para o sul do Maranhão e verificam o “Cenário radiofônico sulmaranhense – mapeamento e análises preliminares”. A partir do viés da Geografia da Comunicação, mostram os resultados preliminares do mapeamento dos veículos de comunicação radiofônica nos 49 municípios da região. Analisam quantos municípios têm emissoras de rádio, tipo de programação, concessões durante o governo de José Sarney (1985-1990) e as outorgas das emissoras comunitárias na gestão de Lula (2003-2011).

Janete Rodrigues e Isabela Naira Rêgo verificam o posicionamento de uma rádio religiosa no Nordeste com o artigo “Rádio Pioneira de Teresina na era da convergência midiática: uma análise sob o enfoque da Economia Política da Comunicação”. A proposta é mostrar como uma emissora da Igreja Católica, que opera em AM, se posiciona diante das inovações tecnológicas e, estrategicamente, busca manter a competitividade e disseminar valores cristãos.

“Um olhar sobre os traços históricos do coronelismo eletrônico em Pernambuco” é o tema da pesquisa de Ana Maria Veloso, Fabíola Vasconcelos e Laís Cristine Cardoso. As autoras analisam as relações entre os campos da política e da comunicação e a utilização das outorgas de radiodifusão por políticos, chamado coronelismo eletrônico. A partir da área de Economia Política da Comunicação, mostram que o uso da radiodifusão pelos parlamentares é um risco à democracia e ao direito humano à comunicação.

Tentar entender as territorialidades e as realidades nacionais, regionais e locais são fundamentais para compreender como dialogar com a sociedade sobre assuntos cotidianos. E é assim que Danila Cal, Waldeir Paiva e Sheila Fernandes, no artigo “Relações entre Cultura e Educomunicação para o Enfrentamento da Violência Sexual na Amazônia”, mostram como o material educacional produzido pela ONG Rádio Margarida foi fundamental para que um grupo de pescadores do município de Melgaço, que fica na Ilha do Marajó (PA) e tem o menor IDH do Brasil, pudesse debater e evitar a violência sexual contra crianças e adolescentes na região, uma vez que a linguagem era baseada na cultura e na realidade amazônica.

Saindo do Pará e indo em direção ao Maranhão e à Tocantins, Lígia Regina Clemente e Carla Longhi, no artigo “Movimento dos Atingidos por Barragens: sujeitos e Formações Discursivas na abordagem sobre a Usina Hidrelétrica Estreito no site do MAB”, mostram como o Movimento, porta-voz da causa das famílias



atingidas, a partir de 10 matérias publicadas em seu site institucional no período de 2010 a 2013 e sob o olhar do discurso baseado em Michel Foucault, retrata a instalação da Usina Hidrelétrica e se posiciona diante do Estado, do Mercado e da sociedade civil.

Artigos que levam à reflexão sobre a importância do posicionamento crítico diante do cenário atual midiático.

Boa leitura!